



HUNGRIA — PRESBURGO.

Presburgo, que em lingua maggyar se diz Posny, é uma cidade situada na margem esquerda do Danubio, antes de chegar áquella grande ilha, ou, para melhor dizer immensa lezíria, de Schull, formada por differentes braços do rio, e cuja fertilidade é tão extraordinaria que lhe fez dar o nome de *jardim de ouro*. Uma ponte de barcas liga as duas margens do rio, povoadas de magníficos arvoredos e de excellentes edificios.

Até 1784 Presburgo foi a capital da Baixa Hungria; e ali costumava o monarcha ser sagrado. Antes de entrar na igreja, em que devia realisar-se esta cerimonia, fazia, montado em soberbo cavallo, um giro em torno de uma campina fóra da cidade, brandindo, nos quatro pontos cardeaes, a espada desembainhada, com grandes feros, como se fosse a tomar posse do mundo.

A assembléa dos estados reunia-se algumas vezes em Presburgo, e ainda se mostra o palacio que servia para as suas reuniões. Citam-se igualmente como dignos de ser visitados pelo viajante curioso a igreja de S. Martinho; o palacio do arcebispo de Graw, primaz do reino, e o theatro.

Presburgo entretém consideravel commercio de trigo e vinhos com differentes povoações importantes, e com Vienna principalmente, d'onde dista apenas dezoito a vinte leguas. É de notar que os habitantes são quasi todos allemães.

Depois da batalha de Austerlitz, ganha por Napoleão, a 2 de Dezembro de 1805 assignou-se um tra-

tado de paz em Presburgo entre a França e a Austria.

Este famoso tratado, que punha termo á guerra continental, e cujas condições haviam sido impostas pela França, só aproveitava directamente aos aliados d'esta ultima potencia; mas a Austria perdia um territorio de mil e cem milhas quadradas, uma população de dous milhões e seiscentas mil armas, e o rendimento de quatorze milhões de florins.

O tratado destruia completamente a confederação germanica, engrandecendo o poder dos principes reinantes da Baviera e de Wurtemberg, que ambos tomaram o titulo de reis, e concedendo-lhes, assim como ao duque de Bade, plena soberania em seus estados. Independentemente das clausulas publicas, estipulou-se secretamente que a Austria pagaria, em dezeseis mezes, quarenta milhões de florins para resgatar as contribuições de guerra, lançadas sobre as provincias conquistadas, e ainda não percebidas.

Presburgo está situada em 14° 50' longitude, e 48° e 8' de latitude. Contava ha vinte annos uns trinta mil habitantes, segundo as relações estatisticas do imperio austriaco; hoje a sua população é muito mais consideravel, e vae em progressivo augmento, estando collocada n'uma excellente posição para o commercio interior, que deve de ser immenso, quando mediante alguns trabalhos hydraulicos no Danubio, este grande rio puder offerecer uma via segura, rapida e facil de communicações de toda a especie até o mar Negro e o Bosphoro.

AS BELLAS ARTES EM PORTUGAL.

Se compararmos o estado em que se acham as bellas artes entre nós com o aperfeiçoamento a que estas têm chegado nos paizes mais cultos, forçoso é confessar que o nosso atrazo é muito grande.

Se não existissem sobre o solo portuguez alguns padrões, erguidos como para attestar que já tivemos uma epocha de florecencia para as artes, dizer-se-ia que Portugal andára sempre na retaguarda da civilização. Os mosteiros da Batalha e Belem, esses dous typos da architectura gothica, tão differentes, e ambos tão esbeltos e formosos, não mostram sómente o aperfeiçoamento de um ou outro ramo das bellas artes, mas tambem a existencia do bom gosto, condição essencial para todo o genero de progresso artistico.

Durante todo esse periodo em que se levantaram aquelles monumentos a pintura e a esculptura em ouro, prata e madeira correram parelhas com a architectura e com a esculptura em pedra, que todavia se achava menos adiantada na estatuaria do que nas obras de ornato. Pertencem a esse periodo os pintores que deram nome á escola portugueza. O grão Vasco, Campello e outros crearam uma escola e desenvolveram o gosto pela pintura, em que mais tarde adquiriram gloria Sanches Coelho, a quem Philippe II appellidava o Ticiano portuguez, e Claudio Coelho, cujas obras figuram honrosamente na galeria do Escorial, onde o grande quadro d'este ultimo pintor, representando a *Procissão do S. Sacramento*, avulta e brilha mesmo entre as produções dos mais insignes mestres.

O altar-mór da sé velha de Coimbra, obra de talha dourada do mais puro estylo gothico; o coro da igreja de Belem, de talha relevada; os vasos de ouro e prata do seculo XV e XVI, que ainda se conservam na casa real; são obras que revelam a um tempo na prodigiosa variedade de desenhos uma imaginação viva e fecunda, na perfeição do trabalho aquelle estudo e esmero, que só podem nascer do amor pela arte, e finalmente na concepção de tantos primores esse gosto apurado que caracteriza em qualquer nação a florecencia das artes.

Foram as guerras d'além-mar, e esse trato mais intimo, que se estabeleceu com os estrangeiros, desde o casamento de D. João I com uma princeza de Inglaterra, quem dispoz os primeiros elementos para essa epocha, a que poderemos chamar a idade de ouro das artes em Portugal, embora uma ou outra se achasse menos cuidada.

O desenvolvimento que depois tiveram, o fulgor com que ao diante resplandeceram vieram-lhes dos nossos descobrimentos e dos nossos triumphos em tão diversas e longiquas regiões do globo. Elevou-se o espirito publico ao som continuo dos hymnos da victoria, inflammaram-se os peitos de devoção civica, o amor da gloria tornou-se a paixão dominante, e o seu poderoso influxo, fazendo germinar toda á casta de sentimentos nobres, e de aspirações ousadas produziu o genio nas artes e na litteratura, pois que primeiro surgira nos campos de batalha e sobre as ondas do oceano.

E quereis ver estampadas na pedra toda essa elevação de pensamentos, toda essa nobreza de aspirações, todo esse esforço de heroicidade? Lançae os olhos para os monumentos da Batalha e de Belem, e ali achareis a poesia da religião christã, a religiosidade das virtudes civicas, e a sublimidade do heroismo symbolizadas na vastidão d'aquelles templos, e na immensa

altura das suas abobadas, n'aquellas columnas tão altas, tão nobres e elegantes, n'aquellas estatuas e cherubins tão graciosos, n'aquellas rendas tão aereas, n'aquellas pyramides tão esbeltas, n'aquelles motes, divisas e brazões, emblemas de subida gloria, e finalmente na infinita variedade de tão brincados lavores, e arrojados desenhos.

Esta aureola, porém, que tamanha luz deitou de si, desvaneceu-se depressa. Como o meteoro, que fulgura rapidamente para logo se perder na escuridão do espaço, assim ella brilhou e morreu. Aos dias de ventura succederam-se as provações do infortunio. O poder de Portugal, já decadente, lá foi sepultarse nas planicies d'Alcacerquivir. A desdita trouxe o desalento, e o desalento, entorpecendo todos os instinctos generosos, e paralyndo todo o esforço patriotico, entregou o paiz á mercê de Castella.

Com a perda da independencia vieram as humilhações, e depois as violencias. Abateu-se o espirito publico, amorteceu-se o patriotismo, acabou o amor da gloria; e as artes, verdadeiro espelho do viver das nações, caíram no mesmo definhamento e prostração.

Os monumentos do seculo XVI, que o grande terremoto nos deixou incolumes, têm estampada na frente a vida triste e oppressa da geração que os levantou. Ainda muito tempo depois de haver resoado o grito, que nos accordou do lethargo para entrarmos de novo no gremio das nações independentes, as artes se resentiam dos habitos da escravidão e dos effeitos do infortunio. A frontaria da igreja dos Paulistas, obra do reinado d'elrei D. João IV, é um livro de pedra em que está resumida a historia d'um captiveiro de sessenta annos, e de mais vinte e sete de penosos sacrificios para o conseguimento do resgate. Aquelle estylo tão pesado e monotono, toda aquella pedraria disposta sem elegancia, e desataviada d'ornatos, retratam bem ao natural as feições das duas epochas; fallam-nos simultaneamente das desgraças e pezares, que já eram passados, e dos sacrificios e cuidados que ainda eram presentes ao levantar d'aquellas paredes.

Quando o tratado de 13 de Fevereiro de 1668 poz termo á guerra entre Portugal e a Hespanha, ficaram ainda actuando por muito tempo sobre as artes as funestas consequencias de tão longa oppressão e de tão porfiosa lucta. Apesar de alguns esforços feitos durante o reinado de D. Pedro II, não se conseguiu restaural-as, nem mesmo erguel-as um pouco do pó em que jaziam. Não era bastante só dar-lhes emprego, quando faltavam condições essencialissimas para os seus progressos.

Quiz-se edificar em Lisboa um templo sumptuoso dedicado a Santa Engracia. No catalogo dos fundadores figurava toda a nobreza da capital, que então reunia a um espirito religioso muita abundancia de bens; e sobre tudo isto avultava o poderoso impulso do braço real. Patenteou-se pois aos artistas area bem larga; acenaram-lhes variados estimulos: mas em vez de edificarem um templo elegante e magnifico, construíram um edificio sim grandioso, porém massivo e quasi com fórma de fortaleza. Fizeram uma igreja como as d'esses tempos remotos em que as populações christãs, perseguidas dos inimigos da cruz, se acolhiam ás abobadas sagradas, e pelejavam sobre ellas em defensa da religião, da liberdade e da vida.

Foi preciso a fundação de um monumento como o de Mafra, que, attrahindo ao paiz a chamamento real todo o genero de artistas estrangeiros, desse logar á

creação de escola, e á introdução do gosto, para que as bellas artes renascessem entre nós. E com effeito no seculo de D. João V, d'esse principe magnanimo, que a posteridade conhece mais por alguns pequenos defeitos do que pelos seus grandes dotes, n'esse reinado em geral tão mal apreciado, tiveram as artes um forte impulso, que se as não restaurou completamente, collocou-as sem duvida em bom terreiro.

Quem comparar com as construcções do seculo anterior o magestoso palacio de Mafra, o soberbo aqueducto das Aguas Livres, a formosa capella-mór da sé d'Evora, a bella casa a S. Pedro d'Alcantara, que faz frente para a calçada da Gloria, edificada pelo architecto de Mafra, Ludovici, para sua habitação, reconhecerá que n'essa epocha se operou nas artes uma perfeita revolução. Verá n'esses differentes generos de edificios combinada a solidez com a elegancia, a magnificencia com a singeleza, segundo os usos a que são apropriados, e sobre tudo ha de notar a harmonia que entre si guardam o todo e cada uma de suas partes.

A esculptura em pedra fez então admiraveis progressos sob a direcção do italiano Alexandre Giusti. Á gravura deram bom impulso Debric, Rochefort, e le Boiteux, francezes. Da pintura bastará dizer que viveu n'esse periodo o Vieira Lusitano.

O terremoto de 1755 destruiu muitos edificios, que attestavam o desenvolvimento artistico d'aquella epocha. Entretanto essa mesma catastrophe offereceu ensejo aos discipulos da nova escola para darem mostra do seu aproveitamento. Eugenio dos Santos de Carvalho, o architecto que presidiu á reedificação de Lisboa, se attendermos aos tempos, não deixou de corresponder á magnitude da empreza no bem traçado da planta, na grandeza das praças, na belleza e commodidade das ruas, e no aspecto nobre dos edificios. Hoje o seu plano soffreria muitas modificações, pois que o tempo não passa de balde sobre as idéas do bello, e sobre as noções do bom gosto, principalmente em tudo o que tem relação com o trato social e com as commodidades da vida. Porém ha um seculo a planta da cidade nova era talvez um bom modelo, ou pelo menos um titulo de honra para o seu auctor, qualquer que fosse o paiz onde se apresentasse.

Os monumentos d'esta epocha têm o mesmo cunho, que os da antecedente. Distinguem-se todos por um estylo d'architectura, senão elegante, todavia grandioso, nobre, e ao mesmo tempo singelo, e, apesar de quaesquer defeitos, ostentando uma certa harmonia entre as fórmas externas e as disposições interiores.

Quem olhar attentamente para estes edificios de aspecto grave, de proporções grandiosas, e de linhas monotonas, verá n'elles os signaes de uma epocha de respeito para com todos os principios constitutivos da sociedade, de persistencia e gravidade nos costumes publicos, de idéas fixas e permanentes em religião, em politica e em administração.

Verá n'elles desenhadas as feições de uma sociedade, que julgando-se governada por leis immutaveis, restringe o seu pensamento e a sua acção a um circulo determinado e monotono, gosando do presente, mas procurando dar ás suas obras duração no futuro.

O grande ministro d'elrei D. José I, que soube estender a protecção e impulso do poder a todos os interesses moraes e materiaes do paiz, segundo o estado da civilisação do seu seculo, não se descuidou pois de reanimar os outros ramos das bellas artes,

aos quaes o terremoto causára não só immenso prejuizo, mas tambem desalento. Comtudo não evitou o vandalismo causado pela repentina degeneração do gosto.

Alguns monumentos, como a sé, e o formoso portal, reliquia da antiga igreja da Misericordia, e que é hoje da Conceição Nova, foram deturpados barbaramente. Quasi todos os quadros, que podiam servir de escola, e que ornavam os templos, o paço, e os palacios particulares ficaram sepultados nas ruinas, ou foram consumidos pelas chammas. E peor do que tudo isto, os que escaparam a esta duplicada catastrophe foram depois pela maior parte repintados e estragados, julgando os seus donos que os faziam restaurar. Este barbarismo foi tão geral, que se pudessem duvidar-se de que o bom gosto nas artes tão sómente se cria e desenvolve na prosperidade, seria bastante aquelle exemplo para demonstrar que na adversidade se corrompe e acaba.

Entretanto, apesar de todos estes contratempos, a pintura ainda floreceu em pouco sob os auspicios do Vieira Lusitano.

É bem sabido como por morte d'el-rei D. José foi desterrado o illustre marquez de Pombal, como foi condemnada a sua politica, como foram stigmatizadas as suas reformas, e amaldiçoado o seu governo.

A reacção que então se operou, se não feroz, pelo menos desassizada e parcial, como todas as reacções em seu principio, não pensou em trocar politica por politica, em substituir systema a systema.

O pensamento governativo da nova epocha consistiu quasi exclusivamente em fazer o contrario de tudo quanto planisava e praticava aquelle grande homem d'estado.

Esta reacção nos espiritos, esta falta de accôrdo nas idéas influiram sinistramente, como estas cousas sempre influem, no andamento das artes. A soberana e seu esposo, elrei D. Pedro III, quizeram protegê-las, e ambos abriram mãos liberaes para as animar. A primeira fundando a basilica do Santissimo Coração de Jesus, e o segundo reedificando desde os alicerces a igreja de Santo Antonio da Sé, e construindo o palacio real de Queluz, deram largas aos artistas para exercitarem o seu talento. Porém todos estes monumentos, mal correspondendo ao animo dos fundadores, e aos capitaes que n'elles se consumiram, ergueram-se cheios de defeitos, ainda que ostentando algumas bellezas. Basta um relancear d'olhos para ver n'elles uma sensível falta de accôrdo e harmonia entre o todo e algumas de suas partes.

A magestosa e elevada cupula d'aquella basilica, contrastando com as pequenas portas do templo, nuas de adornos e abafadas entre columnas gigantes; a estreiteza do interior da igreja desmentindo a largura da fachada; as grandes janellas de Santo Antonio da Sé, acanhando ainda mais uma frontaria já de si acanhada e decorada sem gosto; aquella accumulção no paço de Queluz de edificios de diversa architectura, e sobrecarregados de ornatos, d'onde vem ferir a vista não poucas desproporções, exprimem a lucta do espirito entre as idéas grandes e mesquinhas, entre o desejo de attingir o bello e a impotencia para o conseguir; são o reflexo da falta de um pensamento civilizador na direcção dos negocios publicos; são o resultado d'essas reacções, que, destruindo sem crear, desorganizam as cousas, e anarchizam as idéas.

Entretanto no ultimo quartel d'este reinado tiveram as artes salutar impulso por effeito de varias causas, umas filhas da acção governativa, outras devi-

das ao desenvolvimento da industria, e ao incremento das fortunas particulares, resultado do espirito d'associação, promovido pelo marquez de Pombal, e da neutralidade de Portugal em face da Europa abraçada em guerra.

O theatro de S. Carlos, construido pelo risco de José da Costa e Silva, segundo as boas regras da arte e as exigencias da epocha para este genero de edificios; o palacio d'Ajuda, levantado conforme os desenhos d'aquelle artista e de Francisco Xavier Fabri, paço immensamente vasto, que se fóra acabado seria, apesar de alguns defeitos, uma residencia real de muita sumptuosidade e formosura; o asylo de invalidos militares, e paço real em Runa; o hospital de Santo Antonio no Porto; os palacios dos srs. marquez de Castello Melhor, e conde da Ribeira em Lisboa; estas e outras obras feitas ou começadas n'aquelle periodo, e as producções em pintura do Vieira Portuense, de Pedro Alexandrino, e de Domingos Antonio de Sequeira, conjuntamente com os progressos da escola de gravura, sob a direcção do celebre Bartolozzi, offercem incontestavel documento de que as bellas artes estavam novamente entradas no caminho da sua restauração.

Porém este malfadado paiz, que parece estar condemnado, desde que a sua estrella empallideceu nas terras d'Africa, a ver fulminado á nascença todo o impulso civilizador pelo esforço patriótico tendente a erguer o seu abatimento, não tardou a sentir sobre o seu bello solo a pezada mão d'esse fado adverso.

Uma invasão estrangeira; a partida da familia real e de grande parte da nobreza para o Brazil; uma guerra porfiosa dentro e fóra do reino, malbaratando a fazenda publica, arruinando as industrias e extenuando o paiz, lançaram as artes no mais deploravel estado de abandono e definhamento.

Pouco depois succedeu-se a grande revolução, que assentou a sociedade portugueza em novas bases, dando-lhe novas condições de existencia. Então rompeu a lucta inevitavel entre os interesses que se derrocaram, e os que de dia para dia se alevantavam. A discordia, varrendo com o seu facho toda a superficie do paiz, tem mirrado muitos elementos de prosperidade, e estagnado muitas fontes de riqueza. Mas peor do que tudo isto, tem amortecido ou acabado com as virtudes civicas, annullando todos os estímulos nobres; tem desvairado a razão publica, invertendo as noções da justiça, do pundonor, e da honestidade; tem enthronisado o egoismo, sacrificando a miudo o bem publico ao interesse individual; tem corrompido as molas governativas, desconceituando os principios; tem finalmente relaxado os costumes, dando a todas as cousas um caracter transitorio, um aspecto de mutabilidade.

Não é isto o resultado da acção de um ou outro partido, é a consequencia natural e forçosa d'essas grandes revoluções que assignaram na historia geral da humanidade a passagem dos povos de uma para outra civilisação.

N'este periodo, pois, que já conta trinta e cinco annos, e no qual, apesar de tantas influencias malficas, algumas sabias reformas, dando importante desenvolvimento ás industrias agricola e manufactura, vieram lançar os fundamentos da futura prosperidade do paiz; n'este periodo, dizemos, de agitação e incerteza as artes têm vivido a vida mesquinha do orphão entregue a si proprio, e abandonado de todo o auxilio estranho.

A protecção que por vezes têm pretendido dar-

lhe, vem sempre annullar-se na falta de emprego para os talentos distinctos, e na inopia de estímulos para todos os artistas. Os melhores estabelecimentos artisticos, as mais bem combinadas medidas não de ser estereis, em quanto não tiverem por auxiliares o premio moral e physico proporcionado á grandeza das aspirações do genio. Entre nós escaceia absolutamente esse poderoso incentivo, que elevando o espirito, desenvolvendo o engenho, e creando o gosto, chama o artista para o caminho da gloria, e impelle as artes para o da florecencia.

A falta d'esse incentivo vemos decaír as artes, e corromper-se o gosto a ponto de se fabricarem tumulos com fórmulas de chafarizes, ao mesmo tempo que se construiam chafarizes com a fórmula de tumulos. Se fóra necessario provar, que a vida social imprime nas artes o seu retrato, com a mesma exactidão com que uma cidade se espelha nas aguas do rio que a banha, era certamente sufficiente esta simples inversão das boas regras da architectura para mostrar como n'ellas se reflecte esse transtorno geral de idéas, de instituições, e de costumes, de que acima fallamos. E se quizeramos comparar feição por feição não seria difficil de achar uma perfeita similhança em tudo o mais.

Hoje, porém, que a nossa situação politica parece estar mais definida e os partidos mais propensos a disputar preferencias nos limites da legalidade; hoje que o começo de um reinado auspicioso vem abrir as portas a um futuro de esperanças; hoje finalmente que as tendencias civilisadoras do seculo nos promettem mais estabilidade, esperamos ter em breve começada uma nova epocha de restauração para as bellas artes.

Os nossos artistas não são destituídos de talento; milhares de exemplos o demonstram em obras de um trabalho de muita delicadeza e primor. Na imitação são perfectos; o que precisam é gosto para crearem o bello. E o gosto restabelece-se, importando-o e excitando-o, como se fez nos reinados de elrei D. João V, e D. José I. Para isto temos em nosso favor vantagens, que então se não davam, e que nos vêem agora dos progressos da civilisação.

A facilidade das communicações, e as exposições de industria e de bellas artes offercem aos nossos artistas a faculdade de porem em contacto as suas idéas com as dos homens eminentes da mesma profissão, e de se aproveitarem do desenvolvimento industrial e artistico de cada paiz, para se aperfeiçoarem e reformarem o gosto.

Os jornaes estrangeiros de litteratura e bellas artes, reproduzindo em aprimoradas gravuras quanto aquellas vão creando de mais perfeito e mais bello, são igualmente um grande auxiliar.

Cumpra ao governo proporcionar ao talento desvalido essas viagens instructivas. Cumpra aos artistas a quem a sorte negar similhante favor proverem-se d'aquelles jornaes.

Assim poderão adquirir o gosto, attingir a perfeição, e crear o bello. E só assim é que não de ver reaparecer no paiz esses estímulos, que excitam o talento, e coroam o genio.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O IMPOSTO SOBRE AS BARBAS NA RUSSIA.

Entre os impostos estabelecidos por Pedro o Grande havia um muito extraordinario, que todavia sub-

sistiu bastantes annos. *Boroda lichnaia tiagota* (a barba é um incommodo inutil): o proprio Pedro I mandou gravar em bronze esta importante sentença. O grande obstaculo que Alexiowitz encontrou no complemento das suas reformas, foi o apego aos antigos usos. Esse apego e tenacidade caracteriza ainda hoje o partido dos velhos russos; muitos d'elles, principalmente os cossacos, antes quereriam que os matassem do que arrancarem-lhes ou cortarem-lhes as barbas.

Pedro I, vendo em quão grande apreço os seus subditos tinham a conservação das barbas, ordenou-lhes que as cortassem. Pretenderia elle, a exemplo de um legislador antigo, cujo espirito absoluto, inimigo de contemporisções, offercia alguma analogia com o seu character, sujeitar os russos á disciplina exigindo-lhes tão duro sacrificio? Seja como fór, se a prohibição de Pedro I não foi inspirada por este motivo, soube ao menos tirar partido da resistencia que encontrou. Estabeleceu-se pois uma taxa sobre as barbas recalcitrantes, taxa proporcionada á posição social de cada um. Os negociantes ou mercadores, os funcionarios da cõrte ou da cidade, eram taxados em 100 dublos; os burguezes, ou simples cidadãos, e os familiares dos boyardos, pagavam 60 rublos; os habitantes de Moscow, 30 rublos; os camponezes, cada vez que passavam pelas barreiras da cidade, tinham que satisfazer 2 dengui, ou a vigesima parte de um rublo. Para se justificar que se havia pago o imposto era necessario apresentar uma especie de medalhinha aos guardas, aliás estes, armados de inexoraveis tesouras, saltavam no imprudente, e em poucos minutos o tosqueavam completamente.

Na obra de Chaudoir sobre as moedas russianas, descrevem-se algumas d'estas medalhas. Uma d'ellas tem a data de 1699. No anverso observa-se uma bõca guarnecida de enormes bigodes e barbas, lendo-se por cima estas palavras: *Denghui vasiatl* (dinheiro recebido). Em outras lê-se a data de 1705, e no reverso têm a aguia russiana, dentro de uma corõa de louro.

A prohibição de Pedro I, á volta da sua viagem na Europa, em 1699, tornou-se medida legislativa por ukase de 1705. E é esta a data que mais de ordinario se encontra. A prohibição parecia então abranger sómente uma parte dos habitantes da Russia. Em 1722 foi tambem applicada á cidade de S. Petersburgo. O descontentamento era extraordinario. Recorria-se a toda a especie de meios para escapar ao imposto. Um ukase de 1722 obrigou aquelles que queriam usar barbas a todo o custo, a vestir certo traje especial, e a pagar 50 rublos por anno.

A contribuição tornou-se annual, substituindo-se áquellas medalhinhas uma chapa quadrada, que se trocava todos os annos, e que era o signal de que se havia pago o tal imposto.

Catharina I confirmou os editos do seu predecessor. Em 1728 um decreto de Pedro II permittiu que os camponezes e cultivadores usassem barbas compridas; mas a taxa de 50 rublos conservou-se para todos os outros individuos, sob pena de trabalhos publicos. Um ukase da imperatriz Anna, datado de 1731, aggravou ainda mais a situação dos portadores de barbas. Determinou-se que todas as pessoas não empregadas na agricultura, que não tivessem ainda cortado a barba, fossem inscriptas no numero dos Raskolnicks, e obrigados a pagar o dobro de todos os tributos, além do de 50 rublos pela barba! Pobres velhos russos!

Não podendo soffrer tão acintosa perseguição, muitos d'elles preferiram-se expatriar-se.

Parece que Pedro III projectava medidas mais prohibitivas e mais rigorosas ainda, quando sua mulher, Catharina II, lhe arrancou o throno com a vida. As disposições hostis de Pedro foram comtudo favoraveis aos barbados; porque a sua viuva, por espirito de contradicção, não deixou de fazer mercê ás barbas, e de perdoar aos Raskolnicks, a quem, além d'isto, distribuiu terras em que pudessem estabelecer-se.



Assim terminou a perseguição, que Cartier appellidou *antibarbica*; durára mais de sessenta annos, tendo muitos confesores, e talvez martyres tambem.

Pondo de parte a utilidade fiscal, seria difficil achar para semelhante prescripção um motivo-razoavel. Poder-se-ha quando muito explicar a prohibição ordenada por Pedro I. N'esta epocha, a suppressão das barbas compridas moscovitas podia fazer parte d'esses meios violentos de civilisação a que Pedro o Grande muitas vezes recorria. Já nos nossos tempos a suppressão dos rabichos, nos uniformes militares, foi ordenada como medida de acieio; e entretanto que resistencias não encontrou esta acertada ordem em todos os exercitos! E quantos não chorarão ainda por esse abençoado tempo em que o rabicho fazia a elegancia do soldado!

Se a proscricção das barbas na Russia teve sómente por fim um interesse de civilisação bem ou mal comprehendido, não se teriam isentado os camponezes, nem se lançaria todo o pezo do imposto sobre os hombros das classes abastadas. É pois licito considerar esta taxa como um dos meios que a autocracia imaginára para acostumar os homens á obediencia passiva, e para lhes fazer sentir, pelo obstaculo posto ao exercicio mais inoffensivo da liberdade, aos actos mais simples, que o poder do despota não tem limites, que nada existe que não deva submeter-se ao seu capricho, e finalmente que elle pôde, quando lhe aprouver, divertir-se em tosquear a cara de cada um, como se tosquia o buxo nos nossos jardins. A gravura representa a chapa quadrada a que acima nos referimos, indicativa do pagamento do imposto. De um lado tem a data de 1725, e as tres palavras russianas, em cifra, *Sborodi pochlina vsiata* (foi recebido o imposto sobre a barba); e no logar da serrilha as palavras: *Roroda Moroda lichnaia tiagota*. O sr. Cartier, de quem o excellente periodico francez *Magasin* tirou estas curiosas noticias que traduzimos, assevera, na sua *Revista numismatica*, que o governo russo ainda possui os cunhos d'estas celebres medalhas.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XII.

RAPIDA JORNADA. O RAMALHÃO. QUINTA DE MARIALVA
EM CINTRA. COLLARES. REGRESSO A LISBOA.

9 de julho de 1787.

Achava-me no palacio de Marialva pela volta das nove horas, e parti d'ali com o marquez para Cintra; este que mandava nas reaes cavallariças, onde havia quatro mil muares e dous mil cavallos, deu ordem para quantas mudas lhe aprouve, de fórma que mudamos de machos quatro vezes por hora.

Poucos minutos depois das dez nos apeamos no Ramalhão, quinta n'uma baixa inferior ás pyramidaes rochas de Cintra, que o sr. Street-Arriaga tivera a bondade de facultar-me havia um mez ou dous, e que até hoje eu não pudera visitar. Todos os aposentos são espaçosos e ventilados, com illimitada vista de mar e de terra; mas, se o calor não fosse tão forte, estaria n'elles mais fresco do que desejaria, não tendo outra chaminé senão a da cosinha.

Achei o jardim em excellente ordem, e florecentes em quantidade as plantas, vegetando entre os renques de lorangeiras e limoeiros. Tal é a influencia do clima que as gardenias e plantas do Cabo, que eu trouxe de Inglaterra ainda com troncos despídos, estão cobertas de lindas flores. Os malvaiscos e algumas variedades de milho, sementeas pelo meu jardineiro inglez, cresceram a extraordinaria altura, e começam já a formar avenidas sombrias e selvas, onde os rapazes podem á sua vontade jogar ás escondidas.

Tendo consumido meia hora na observação d'estas cousas, metti-me na carruagem com o marquez, e partimos para a sua quinta, creação nova que lhe tem custado muitas mil libras esterlinas: ainda ha cinco annos era um cabeço maninho, alastrado de silex e fragmentos de penedos. Ao presente achaes um elegante pavilhão desenhado por Pillement, e adereçado com elegancia, um jardim com estatuas e fontes, ruas densamente guarnecidas de louro, buxo e cedro, cascatas, arvoredos, o buxo tosqueado de diferentes feitios, e todos os ornamentos que se podem appetecer no gosto da jardinagem portugueza.

Jantamos n'uma acieada e commoda hospedaria, situada ao meio da povoação de Cintra. A rainha tinha ultimamente doado ao marquez aquella casa e a grande porção de terreno adjacente. Das suas janellas contemplaes profundos algares e empinadas encostas de matos e florestas, variegados com pedras musgosas e caducos castanheiros.

Assim que o sol declinou fomos para Collares e passeamos no eirado pertencente a mr. la Roche, negociante francez, que mostrou alguns visos de gosto no arranjo da sua quinta.

As matas de pinhaes e castanheiros elevando-se das fendas da penedia, crescendo umas em socacos acima das outras até consideravel altura, dão a Collares o aspecto de uma aldeia dos Alpes. Innumeraes arrosios, sobre os quaes se debruçam sobreiros e esgalhados limoeiros, rompem pelos arruinados muros da banda da estrada e espadanam em tanques de marmore. Um valido do defunto rei, que tem n'estes suburbios uma vasta fazenda, nos convidou com muita attenção e urbanidade para o seu jardim; imaginei que entrava nos vergeis de Alcino; os ramos curvavam-se ao pezo dos pomos, o mais leve abalo alastrava o chão de ameixas, damascos e laranjas.

Esta quinta ufana-se de uma grande cascata artificial com tritões e golfinhos vomitando torrentes de

agua; mas eu não lhe prestei metade da attenção que o proprietario esperava, e acolhendo-me á sombra das arvores fructiferas regalei-me de douradas maçãs e purpureas ameixas, que em tanta profusão caíam ao redor de mim: o marquez, que participa com a maior parte dos portuguezes da extremada predilecção pelas flores; atulhou de cravos e jasmims a carruagem. Nunca vi plantas tão assignaladas em crescimento e vigor como as que tiveram a boa sorte de ser sementeas n'este afortunado torrão, cuja exposição é notavelmente propicia, abrigada por outeiros declives, e defendida com o espaço de algumas milhas de matas e pomares. Não sentia a menor vontade de largar um sitio tão favorecido da natureza; e M*** se jacta de que eu me tentasse a comprar esta fazenda.

O vento tornou-se incommodo quando subiamos a eminencia coroada pela quinta de Marialva; a atmosphaera estava cristallina, e o sol declinava radiante. O convento de Mafra ao longe scintillando com vivo fulgor similhava o palacio encantado de um gigante, e o terreno circumvisinho desbotado e esteril era como se o monstro o tivesse devastado.

Para descansarmos um tanto do nosso veloz passeio entramos no pavilhão, que eu já disse ter sido delineado por Pillement: representa uma rua de phantasticas arvores indicas, que entrelaçando os ramos superiores convergentes formam arcos abaulados, descobrindo-se pelas roturas dos intervallos o céu de um tempo estivo; da bôca de um dragão volante pende um magnifico lustre para cincoenta lumes, ornado de festões de cristal, que rutilam como collares de diamantes. Detivemo-nos n'esta sala do mirante até o cair das sombras.

Os pagens cavalgavam adiante levando archotes, e o vento nos atirava á cara com o fumo e fagulhas, de modo que eu vinha atordoados, embruxados, experimentando taes sensações como as de um noviço em feitiçaria montado pela primeira vez á garupa com uma bruxa á correr por matagaes. Em menos de uma hora tinhamos galgado ruidosamente doze milhas de aspera e desigual calçada, trepando e descendo ingremes cabeços n'um galope convulsivo, em que eu esperava por momentos estirar-me de nariz no chão; mas, felizmente as muares eram escolhidas d'entre um cento, e nunca tropeçaram.

Nos altos d'Ajuda senti o ar mui fino e penetrante. Não parecerá exquisito queixar-me de frio em Lisboa aos nove do mez de julho?!

(Continúa.)

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA,

NA ARCADIA — ELPIÑO NONACBIENSE.

-1731—1779.

I.

Entre os cultores das letras que em Portugal tanto illustraram o decimo outavo seculo, o poeta Diniz sobresaé como um dos mais notaveis, senão como o primeiro.

Ameno e flexivel, o seu talento prestava-se a quasi todas as manifestações então usadas, e se não quebrou os moldes prescriptos pelos dictadores do Parnaso, ou se não se afastou inteiramente d'elles, alargando os vóos á invenção, não pôde negar-se, que

sem os exceder subiu a grande altura, legando-nos ensaios valiosos.

Menos correcto e esmerado que o Garção, porém mais livre e elevado que o Quita, imitando, como ambos, os modelos antigos, Elpino provou os poderes do seu ingenho em generos difficultosos, e em todos deixou vestigios assignalados.

Pelos seus estudos a escola em que de certo principiou as suas tentativas, foram as palestras metricas dos vates de D. João V, cujas obras apuradas em artificios pueris, e em requintes de agudeza, offuscavam os rasgos felizes, á força de os quererem tornar vivos e conceituosos.

Qual fosse a influencia d'estes perniciosos exemplos, na tenra puericia de Diniz, é hoje bastante difficil de rastrear. Ao contrario de outros cantores de menos vulto, a sua lyra não se divulgou senão depois de amestrada; e se entre as suas poesias, algumas pela data remontam aos annos de inexperiencia, a lima correu-as com diligencia, e apagou as asperezas do primeiro jacto.

Nos sonetos, e em certas odes, menos cuidadas, talvez possam apontar-se sombras de gongorismo, e reflexos da corrupção por elle censurada; mas em geral, abstendo-se de exagerações condemnaveis, conserva nas proporções e no colorido aquella graça castigada, que em superior grau constitue a formosura quasi irreprehensivel dos versos horacianos do Garção.

Mesmo no arrebatamento lyrico das suas estrophes, ás vezes mais do que empoladas, são menores as quedas do que devia esperar-se. O furor do entusiasmo quasi nunca lhe desgrenha a musa a ponto de a converter em bachante descomposta.

Tal como nos apparece na madureza das suas faculdades, e não o conhecemos de outro modo, Elpino apresenta-nos uma physionomia animada, espirituosa, com o sorriso satyrico nos cantos da boca, e o ardor do raptio pindarico faiscando nos olhos.

A sua ascendencia intellectual é mais estrangeira do que nacional.

As feições do seu ingenho lembram mais as de Boileau, e dos vates francezes do seculo XVII, já com visiveis toques da malicia voltairiana, e da reflexão philosophica dos encyclopedistas, do que a austera disciplina de Sá de Miranda, de Ferreira, e dos poetas e prosadores do seculo XVI em Portugal.

Não lhe foram estranhos, nem antipathicos, vê-se; mas conviveu menos com elles, e não os conversou habitualmente. Camões, sim, esse era dos seus intimos, e não será raro encontrar alguma das suas bellezas engastada nos versos de Diniz; porém, em geral, a escola restaurada pelo auctor da *Arte Poetica* e do *Lutrin*, e os primores dos mestres, que ornaram a grandiosa epocha de Luiz XIV, são os modelos que Elpino segue mais de perto, e que nos recommenda em termos, que respiram fervorosa admiração.

O livro publicado pelo padre Verney, o *Verdadeiro Methodo de Estudar*, saiu dos prelos de Valencia em 1746; e a *Arte Poetica* por Candido Lusitano viu a luz publica em 1748, sendo suscitada provavelmente pelas vehementes censuras, que Verney descarregava sobre o methodo jesuitico, preponderante em quasi todas as aulas portuguezas.

Quando se estampou a primeira d'estas obras Diniz contava apenas quinze annos, e aos dezeseite pôde talvez aperfeiçoar o gosto, adoptando os preceitos, que o oratoriano Freire inculcava á mocidade,

como contraveneno necessario para os erros e devassidões dos profanadores das letras.

É inquestionavel, como já notamos em outro lugar d'estes ensaios, que a polemica suscitada por Verney deu o primeiro rebate da decadencia poetica, e acordou do seu turpor alguns engenhos cobiçosos de romper com os abusos, abrindo novas e seguras veredas.

Á influencia do *Verdadeiro Methodo de Estudar* foi devido o impulso que produziu a Arcadia, e com ella a segunda renascença.

As observações do auctor, despidas do prestigio do estylo, desde logo não podiam vencer os preconceitos, extirpando os usos inveterados. Pungente e desabrida a sua critica mais fustiga do que persuade, ou do que attrahe. Para fundador de uma escola acceita faltava-lhe o gosto, e a amenidade; e os jesuitas, vendo-se hostilizados com vigor, não pouparam esforços, nem libellos, para emmudecer o importuno accusador, que vinha perturbal-os na posse immemoriavel, que gosavam, de dirigir as consciencias e os entendimentos.

Os eruditos cruzaram as armas, e esgotaram a virulencia dos odios. Defensores, e aggressores, travados em lucta implacavel, de nada se esqueceram para sustentar a causa, que tinham jurado manter; e as razões, a par das injurias, voavam de parte a parte com azedume, servindo o véu do anonymo para esconder o rosto dos antagonistas, e soltar ainda mais a furia dos doutos.

A verdade de certo não soccorria a nenhum dos extremos; todos pelejavam nas trevas.

Verney, e os seus adeptos, a pretexto de expulsarem os monstros do Parnaso, apertavam o circulo da imitação a ponto, que não deixavam livres os commettimentos da phantasia.

Os continuadores do gongorismo, ameaçados, e receiosos, longe de cederem dos seus excessos, pagavam com mão prodiga as ironias e o soberbo desdem dos puritanos.

O pomo da discordia, rolando entre elles, cada vez os excitava mais, e raro era o dia, que não allumiava algum obscuro duello pedantesco, sempre terminado pela risada dos neutros, que assistiam a estas comicas pugnas dos deuses do Olympo.

Francisco José Freire (*Candido Lusitano*) militava nas fileiras dos reformadores; porém carecia dos dotes imaginativos, e do fino tacto que asseguram a victoria. Poeta de arte, e sem vocação, revelava nos versos martellados a sua erudição laboriosa, e ao mesmo tempo a sua invencivel repugnancia.

A prosa de Verney não parecia mais feliz.

Qualquer d'elles, com os melhores desejos, era incapaz de hasteiar a bandeira, rodeando-a de tropheus. Sectarios dos gregos e romanos, ensinavam as regras classicas, e apontavam os modelos admiraveis de Homero, Pindaro e Theocrito, de Horacio, Virgilio e Cicero; porém, apenas chegava a occasião de unir o exemplo ao preceito, o metro e a phrase rebeldes debaixo dos seus dedos atraçoavam as suas lições, e a palma ficava nas mãos dos adversarios, menos instruidos, e mais auxiliados de prendas naturaes.

N'estas circumstancias, para o triumpho se inclinar a qualquer dos contendores, era indispensavel que engenhos sinceramente favorecidos pelo estro, se abraçassem com uma das bandeiras, e que a plebe dos metricadores, confundida pelo talento e pela harmonia, fosse obrigadâ a reconhecer a sua inferioridade.

Foi o que succedeu. Preparada a reforma no cam-

po do raciocínio, não tardaram os sacerdotes do culto orthodoxo. Roma e Athenas tiveram quem as representasse.

A reconstrução, que o marquez de Pombal comprehendia na esphera politica e economica, tentou-se nos dominios da arte, e um periodo, relativamente fecundo e bello, veiu completar por outro aspecto a obra do ministro omnipotente.

Dous magistrados, sobraçando a toga, e substituindo o gorro negro dos jurisconsultos pelos virentes louros de Apollo, metteram hombros á empresa, e levaram-a tão longe, quanto podia ser dado a uma doutrina, acanhada de vistas e timida nos movimentos.

Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Manuel Nicolau Esteves Negrão, conceberam os estatutos da associação, que, traçada por elles, devia restituir ás letras patrias a pureza e o esplendor.

Homens de merecimento relevante e conhecido associaram-se ao seu pensamento, e nos ultimos dias de setembro de 1756, a Arcadia achava-se creada, com todas as officinas poeticas em acção, com o Ménalo povoado de rebanhos e de pastores, e com os certames dos seus Melibeus e Mopsus para lhe entreterem os ocios ou adoçarem as fadigas.

Era uma servil imitação da Arcadia romana, instituida no seculo XVII, sob os auspicios de Mario Crescimbeni, mas proveitosa, como ella. A constancia com que empenhou os cabedaes do seu engenho em guerrear os vicios e aberrações da falsa poesia foi coroada de exito, e applaudida.

Das suas ruinas veiu a nascer depois, e pouco tempo existiu, a nova Arcadia, d'onde Bocage, Semedo e José Agostinho saíram inimigos irreconciliaveis, não perdoando a si, nem á evidencia.

Antes, tinham vivido obscuros, e findaram esquecidos esses numerosos gremios, baptisados com os nomes de academias dos *generosos*, dos *instantaneos*, dos *singulares*, dos *occultos*, dos *anonymos* e dos *applicados*, nas quaes se adorou exclusivamente, como supremo numen, a insipidez!

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

OUTUBRO 17

- 1472 — Tomada de Barcelona por João II, rei de Aragão. 18
- 1217 — Tomada de Alcacer do Sal por D. Affonso II. 19
- 1660 — São suppliciados os juizes de Carlos I.
- 1789 — Primeira sessão da assembléa nacional em París. 20
- 1494 — Morte de J. Galeazzo Sforza, duque de Milão. 21
- 1244 — Tomam os serracenos Jerusalem aos cruzados.
- 1596 — Tratado de alliança entre a França e os estados de Hollanda.
- 1737 — Tomada de Nissa pelos turcos. 22
- 1792 — Grande sublevação no Cairo contra os francezes.

1647 — Os napolitanos rebellados nomeiam seu chefe Gennaro Annese. 23

1541 — Auto de fé em Lisboa, no qual figurou o celebre sapateiro Gonçalo Annes o *Bandarra*, natural de Trancozo, bastante conhecido pelas suas trovas. 24

1799 — Derrota dos austriacos em Bosco, pelo general Saint-Cyr.

996 — Morte de Hugo Capeto. 25

1654 — Tratado de alliança entre o dictador Cromwell e a França.

1495 — Morte de D. João II, rei de Portugal, sem duvida um dos mais excellentes que têm tido estes reinos. 26

1795 — Celebra a convenção nacional a sua ultima reunião em París. 27

1553 — Calvino manda queimar vivo, como hereje, Miguel Servet, d'onde se vê que tambem os protestantes tiveram os seus *autos de fé*. 28

312 — Constantino, á vista das muralhas de Roma, desbarata Maxencio.

1524 — Francisco I de França põe rigoroso cêrco á cidade de Milão.

1628 — Capitula a Rochella, capital do protestantismo em França, concluindo-se assim as guerras de religião n'este paiz. 29

1270 — Filippe o *Atrevido* é desbaratado pelos musulmanos em frente de Tunis. 30

1830 — O actual imperador dos francezes intenta sublevar a guarnição de Strasburgo.

1768 — A Porta ottomana, estimulada constantemente pela Russia, declara guerra a esta ultima potencia. 31

1719 — Morte do celebre astrónomo inglez Flamsteed.

1534 — Morte de Affonso I, duque de Ferrara.

1793 — São executados em París muitos membros da facção dos Girondinos.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1\$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1\$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo.